****

**2º Domingo de Páscoa (19 de abril de 2020)**

**A humanidade em Tomé.**

Amadas irmãs, amados irmãos, que a paz de Deus esteja com vocês!

Cabe destacarmos, mais uma vez, que a Páscoa cristã está ligada à libertação do domínio do mal, do domínio da morte, do domínio do pecado, possibilitando, assim, a nossa entrada e permanência no Reino do Céu, já presente neste mundo, sempre presente, porém, o livre arbítrio que nos permite fazer opções individuais.

Lembremo-nos que a ressurreição do Senhor é a realidade central da fé cristã e propalada desde o início da cristandade. Entretanto, qualquer pessoa pode dela se apropriar, independente de sua denominação religiosa, pois ela aponta para o renascer pessoal, por meio da morte de todo o mal que invade o ser, de tudo que impede o crescimento espiritual de cada um.

O núcleo de toda pregação cristã está no anúncio de que “Cristo vive!”, e vive em cada um de nós, crentes ou não. Não se trata de uma sobrevivência física, de natureza humana, mas sim de sua Palavra, de sua Verdade, para que a concretizemos no dia-a-dia, e de seu Espírito, para que nos conduza pelo caminho do bem.

A ressurreição de Cristo não ocorreu para ser relembrada apenas como um fato histórico, mas sim para que tenhamos a certeza de sua permanência viva em cada um de nós, permitindo-nos o prazeroso saborear da vida plena, plena de amor e paz. Assim, a Ressurreição não é uma teoria, muito menos somente uma inspiração reflexiva, ela é uma realidade revelada por Deus, abrindo um novo e seguro caminho para a nossa evolução espiritual que interliga o finito com o infinito, o temporal com o atemporal, a humanidade com a transcendência. Longe de ser apenas um sonho, um mito, ou uma utopia, a verdadeira Páscoa é um acontecimento único e transformador que nos traz a vitória da vida sobre a morte que pode ser repetida em cada momento de nossa vida.

Na sequência desse processo de renascimento pascoal, somos brindados no 2º Domingo de Páscoa com a passagem evangélica de João onde narra a aparição de Jesus Cristo ressuscitado aos discípulos, transmitindo a sua paz e municiando-os com seu Espírito, ao mesmo tempo em que Tomé apresenta-se duvidoso a respeito de tal aparição pelo fato de não ter visto pessoalmente o Senhor.

Convido a todas e todos para que juntos possamos refletir sobre o texto evangélico de hoje, na sequência deste período pascoal.

19Na tarde do mesmo dia, que era o primeiro da semana, os discípulos tinham fechado as portas do lugar onde se achavam, por medo dos judeus. Jesus veio e pôs-se no meio deles. Disse-lhes ele: “A paz esteja convosco!”. 20Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor. 21Disse-lhes outra vez: “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós”. 22Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: “Recebei o Espírito Santo. 23Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, lhes serão retidos”. 24Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. 25Os outros discípulos disseram-lhe: “Vimos o Senhor”. Mas ele replicou-lhes: “Se não vir nas suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos pregos, e não introduzir a minha mão no seu lado, não acreditarei!”. 26Oito dias depois, estavam os seus discípulos outra vez no mesmo lugar e Tomé com eles. Estando trancadas as portas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!”. 27Depois disse a Tomé: “Introduz aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé”. 28Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!”. 29Disse-lhe Jesus: “Creste, porque me viste. Felizes aqueles que creem sem ter visto!”. 30Fez Jesus, na presença dos seus discípulos, ainda muitos outros mila­gres que não estão escritos neste livro. 31Mas estes foram escritos, para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome. (Jo 20,19-31)

Podemos depreender desta passagem, não apenas um relato histórico, mas, essencialmente, a revelação de Jesus na comunidade, tanto aos discípulos da época, como agora, a cada um de nós.

Antes de abordarmos especificamente a aparição de Jesus na passagem de hoje, mais uma vez nos deparamos com uma narrativa de João, logo após a ressurreição do Senhor, que se inicia com a referência temporal do primeiro dia da semana, dia considerado como Domingo, termo originado do latim (*dies Dominicus* = “dia do Senhor”). Assim como no encontro do túmulo vazio de Jesus por Madalena, Pedro e João, passagem refletida na semana passada, a indicação do primeiro dia da semana vai além de uma referência temporal, sendo apresentada, claramente, uma chave teológica que aponta para o início de um novo ciclo. Esse novo tempo surge com a verdadeira Páscoa, com a plena doação do Cristo Jesus ressuscitado e seu retorno à humanidade. O medo evidenciado nos discípulos trancados e reclusos, transformar-se na fortaleza dos que testemunham a presença sempre viva de Deus, portando, para tanto, o Santo Espírito.

Cristo Jesus ressurreto faz-se presente à comunidade reunida, pessoas que conviveram com Ele, ouviram-no por diversas vezes falando sobre sua volta, viram vários sinais que demonstravam ser Jesus o verdadeiro Cristo, mas, como humanos, não compreenderam e, rapidamente, esqueceram-se do Deus vivo, de suas promessas, de suas ações concretas, de seus ensinamentos.

Pela limitação e fragilidade humanas, sentiram medo!

Receosos de serem agredidos por aqueles que causaram a morte do Senhor, trancaram as portas. Mesmo convivendo com Jesus e tendo recebido suas promessas de vida eterna, somente sentiam e tinham em mente o medo dos inimigos, o medo da dor, o medo da morte.

Por amor, Jesus volta e, mesmo com as portas fechadas, adentra o ambiente onde os discípulos se encontram. Por amor, Ele vem até cada um de nós e, mesmo fechados à sua divindade e amedrontados por conta de nossa limitação humana, toca-nos e nos estimula para que o reconheçamos e o recebamos como luz de nosso caminho.

Como hábito judaico e palestino, em geral, Jesus transmite paz aos presentes. Porém, não é a mesma paz que os homens se desejam mutuamente que representa a mera ausência de conflitos, mas sim a sua paz, a divina paz, a plena paz! A paz que só pode ser sentida e transmitida quando se está pleno do Espírito de Deus. Assim, para que seus discípulos pudessem compartilhar dessa paz e dela disseminar, Cristo Jesus “sopra-lhes” o Espírito, instrumentaliza-os com a presença e a força divinas, para que, igualmente a Ele, seus discípulos, presentes e cada um de nós, possam transmitir a verdadeira paz, a paz que representa a verdadeira fé implantada e germinada em cada ser.

Jesus enviou os discípulos e, da mesma forma, envia-nos para que, ao portarmos seu Espírito, sejamos capazes de transmitir aos demais seres o que Ele nos transmitiu: palavras orientadoras e o testemunho para o enfrentamento dos obstáculos. Com o seu Santo Espírito, somos fortalecidos e capacitados para agirmos igualmente a Ele.

Junto aos Apóstolos, Jesus deu o poder de ligar e desligar a Sua relação com cada ser humano, por intermédio do Espírito Santo. Dois aspectos merecem reflexão com isso.

O primeiro, que somente com a força do Espírito teremos a possibilidade de aspirar à santidade. Somente com sua presença em nós, conduzindo-nos, é que podemos nos manter em nossa efetiva evolução espiritual. O nosso mérito reside na entrega, em deixarmos que Ele tome conta de nossa vida, aceitando, sem resistência, a graça santificante de Deus e seguindo sua Verdade. A nossa força contra o mal é absolutamente limitada, necessitando, portanto, a força e a luz do Espírito Santo. Recebamos o “sopro de vida” e deixemos que ele tome conta de nossa vida e nos conduza a vida eterna.

O segundo ponto refere-se ao processo de arrependimento e perdão: “*Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.*” Certamente, Jesus não deu o poder divino à humanidade, independentemente de serem apóstolos ou sucessores, de perdoarem os pecados daqueles com quem tivessem contato. Ocorre que, sem o poder do Espírito Santo, ninguém é capaz de evoluir, de acolher, tampouco de perdoar. A nossa limitada condição humana dificilmente nos permite promover o perdão. O verdadeiro perdão somente se origina dos seres espiritualmente evoluídos. De fato, a obra do verdadeiro perdão está a cargo do Santo Espírito, presente entre nós e em nós. Que disseminemos a Palavra e, em nome de Jesus, o “sopro da vida”, mas como serviço e não como poder. Se a vaidade e a arrogância estiverem presentes, independente da nobreza da missão, nenhuma valia ela terá, pois, certamente, não estará sendo induzida e conduzida pelo Divino Espírito. Alguns veem nesse trecho bíblico a instauração do Sacramento da Penitência, chamado outrora de Confissão. Mas mesmo para os que têm outro olhar, essa fala de Jesus indica a nossa ação como instrumento do verdadeiro perdão, desde que estejamos plenos do Espírito.

Retornando à passagem do reencontro de Jesus com seus discípulos, cabe o destaque à atitude de Tomé, como aquele que crê mediante provas. Nem as palavras dos companheiros com quem há muito convivia foram suficientes para que ele acreditasse na aparição do Senhor. Tomé amava menos o Mestre? Era um apóstolo menos dedicado? Ele ainda não tinha se convertido? Sua fé era mais limitada? Nada disso. Ele era o exemplo da humanidade – “*Creste, porque me viste. Felizes aqueles que creem sem ter visto!* ” (v. 29)

Não devemos ver tal afirmativa como uma repreensão de Jesus à possível incredulidade de Tomé, pelo contrário, essa afirmativa é um alento para todos nós que, em muitos momentos de nossa vida, nos distanciamos de nosso caminho, de nossa meta evolutiva, de nossa busca pelo Altíssimo; esperamos passivamente por um sinal, por um novo chamado. Frequentemente, diante de adversidades vividas, clamamos a Deus por ajuda, rogamos sua presença em nossa vida, como se ausente Ele estivesse, só pelo fato de não O encontrarmos. A questão não está na sua ausência, mas sim na nossa cegueira espiritual. Cristo, então, deixa-se tocar por Tomé, atendendo humildemente o seu desejo humano, compreendendo sua limitação, abrindo-lhe a mente e o coração. Quanto amor! Quanta compreensão! Sem dúvida, da mesma forma, Ele se disponibiliza para cada um de nós, com similar misericórdia.

Lembremo-nos que, em trechos anteriores do mesmo capítulo do Evangelho de João, Madalena anuncia aos discípulos ter visto Jesus ressuscitado e eles, pelo medo existente e a surpresa demonstrada, também não acreditam, até que O vissem pessoalmente. Assim somos nós. Assim é a nossa vida. Assim é a humanidade. Cremos na existência do Deus Todo-Poderoso, cremos na sua presença permanente e viva em nosso meio, mas estamos, continuamente, solicitando provas, pedindo favores, requerendo sua presença em momentos difíceis, como se ausente estivesse.

Assim como Tomé, que com frequência destacamos desdenhosamente sua incredulidade, agimos a cada momento de nosso viver. Entregamos nossa vida nas mãos do Senhor, mas, em seguida, rogamos por sua presença e por sua ajuda. Fazemos juras de fé e de fidelidade e, logo depois, ficamos amuados com a ocorrência de fatos e situações que nos desagradam, clamando por seu auxílio.

Reflitamos e oremos, para que, ao dissermos “*Meu Senhor e meu Deus*”, estejamos, verdadeiramente, expressando nossa fé e não a simples crença na possibilidade de sua existência. Pois a verdadeira fé ultrapassa a mera crença, indo à ação concreta e, acima de tudo, à plena entrega. Se vivemos diferentemente de como Cristo Jesus viveu – em desejo, em postura, em atitude e em sentimento –, somos meros crentes de sua existência. Teremos fé, seremos seus verdadeiros discípulos e seguidores, quando conseguirmos viver como Ele viveu, amar como Ele amou, sermos movidos pela divina compaixão em relação aos nossos irmãos, na certeza de sua sempre presença em nós por meio de seu Santo Espírito.

Existe um Tomé em cada um de nós. Tomemos consciência disso e busquemos, com fidelidade, superar nossa incredulidade, para sermos capazes de dizer a Jesus: “*Meu Senhor e meu Deus*”, com fervorosa fé e consequentes ações concretas.

Um fraterno abraço.

Revdo. Frei Milton Menezes.